

DOSSIÊ: DESAFIOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS HISPÂNICAS NO SÉCULO XXI

Ao longo das últimas décadas, foram diversos os trabalhos produzidos, entre teses, dissertações, artigos e livros, que buscaram narrar, descrever e analisar a história do ensino de língua espanhola no Brasil. Tais trabalhos nos ajudaram a não só entender essa história, mas também, por um lado, a compreender a própria história da educação brasileira, que envolve e atravessa a história de quaisquer conhecimentos que se transformam em disciplinas escolares, e, por outro, o processo de construção, obviamente nunca encerrado, de um modo brasileiro de se pensar tal ensino.

Como explica Gerhardt (2014), ao longo da história das instituições escolares, produz-se um processo de institucionalização do ensinar-aprender que define como as ações dentro de sala de aula devem ser produzidas e interpretadas. Tal processo de institucionalização é, para a autora, parte estruturadora da constituição sócio-histórica de cada uma das disciplinas escolares (e podemos acrescentar: e acadêmicas) e o que define seus objetivos de organização e as formas de conhecimento que a eles podem se agregar. Como o Currículo (entendido aqui não só como os documentos curriculares que buscam estabelecer normas e diretrizes para as ações dos professores e dos estudantes, mas também o que efetivamente se faz nas salas de aula) é um território de/em disputa (Arroyo, 2011), tal processo de institucionalização nunca se deu/dá de maneira pacífica.

Desde os sucessivos movimentos de inserção e retirada da língua espanhola como disciplina escolar da educação básica até a própria definição de quais deveriam ser os conteúdos e as práticas priorizadas nessa disciplina, passando pela busca de uma autonomia nacional na forma de pensá-la e na produção dos materiais didáticos que serviriam de apoio para as interações em sala de aula, muitas foram as disputas e os desafios vividos pelos professores de espanhol ao longo do século XX e neste início de século XXI. Nem sempre essas disputas se transformaram em vitórias, já que a história do ensino de língua espanhola no Brasil é repleta de idas e vindas, porém, como nos convoca Jorge Drexler, precisamos também brindar “por las veces que perdimos las mismas batallas”.

Nesse sentido, podemos lembrar que, em *Desafios e perspectivas para o ensino de espanhol no Brasil*, Baptista, Santos e Santos (2023) destacam como o ensino de espanhol em nosso país está perpassado por rupturas e permanências. Se, de alguma forma, a inconstância vivida pelos agentes que fazem essa disciplina acontecer nos espaços educacionais brasileiros pode ser desanimadora, é preciso pensar que ela também nos permitiu constantemente revisar os objetivos postulados para o ensino de espanhol nas escolas e nas universidades brasileiras e,

em consequência disso, defender a relevância de uma “educação linguística que arroja no horizonte possibilidades várias para a concretização de projetos éticos condizentes com práticas éticas na e para a construção de mundos cada vez mais plurais” (Baptista; Santos; Santos, 2023).

Na esteira dessas reflexões, o presente número reúne uma série de textos que discutem questões contemporâneas relativas ao ensino de espanhol no Brasil. Um primeiro grupo de artigos traz contribuições das fundamentais discussões, cada vez mais imbricadas em nosso campo, sobre decolonialidade e sobre relações étnico-raciais e educação linguística. Assim, abre este dossiê o artigo *Pertencimento étnico-racial e formação inicial de professores de espanhol: percursos para uma educação antirracista*, de Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista. Neste texto, a autora busca discutir temas como raça, racialização e racismo e defende uma perspectiva antirracista de formação de professores. Para isso, parte de uma discussão sobre as mudanças vividas no ensino superior brasileiro nas últimas décadas e de uma pesquisa realizada no curso de formação inicial de professores em que atua.

Thiago Alexandre Correa, em seu ensaio *En Abya Yala se baila así: voces indígenas em favor de um ensino de língua espanhola contra-colonial e cosmopolítico*, apresenta uma perspectiva de ensino de língua espanhola que pretende trazer para sua centralidade as vozes e as culturas indígenas que habitam o continente em que vivemos. Para isso, parte da apresentação da artista mapuche Brisa Flow e discute a renomeação do continente a partir do uso do termo *Abya Yala*, derivado da língua-cultura dos Guna, uma importante representação vitoriosa das lutas dos povos originários contra as opressões derivadas da colonização e do colonialismo. Assim, o uso do termo na obra de Brisa Flow serve de inspiração para uma importante discussão sobre como confrontar as ideologias dominantes ainda hoje na escola brasileira.

Outra questão contemporânea destacada nos textos que compõem esse dossiê é o ensino de literatura. Se a pesquisa sobre as literaturas hispânicas tem já um lugar consagrado na academia brasileira, a pesquisa sobre o ensino delas, mesmo no ensino superior, ainda está buscando seu espaço. Phelipe de Lima Cerdeira, no artigo que intitula de *Del sustantivo al verbo intransitivo: un Manifiesto Nosotros Literaturamos (de los desafíos de “aprenderenseñar” literaturas hispánicas en el siglo XXI)*, parte de uma narrativa pessoal sobre seus encontros com a literatura, em especial, a argentina, para discutir o trabalho que se faz com o ensino das literaturas hispânicas nas escolas e nas universidades. Identificando-se como “intelectual do entre-lugar latino-americano”, o autor dialoga com os estudos dos campos da Literatura e da Educação e com textos literários, inclusive de autoria própria, para, ao final, apresentar o “Manifiesto Nosotros Literaturamos” – uma forma de fazer a literatura se transformar em ação.

Antonia Javiera Cabrera Muñoz também vem pensar, em seu artigo *El dulce milagro: recriação de Cinderela por Juana de Ibarbourou (1892-1979)*, o trabalho escolar desenvolvido com a Literatura. Para isso, discute inicialmente o processo de adaptação que levou o conto *Cinderela* a se transformar no texto dramático “El dulce milagro” da poetisa uruguaia Juana de Ibarbourou e a importância de sua leitura por jovens estudantes de espanhol. Buscando, então, construir uma abordagem inovadora para o trabalho com o texto literário na educação básica, Cabrera Muñoz apresenta uma experiência didática vivenciada na comunidade rural de Sopa, em Diamantina (MG), no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Dessa forma, o artigo contribui para também evidenciar a relevância de políticas públicas que busquem a integração entre universidade e escola e a formação de professores em nosso país.

Já no artigo *Pela Literatura Hispânica na Universidade: Desafios e Debates*, Daniele Zaratin e Rodrigo de Freitas Faqueri defendem uma maior presença da literatura hispano-americana nos cursos superiores de Letras, bem como a centralidade do texto literário nas disciplinas dedicadas ao trabalho com essa literatura. Para construir sua defesa, partem de trabalhos que fizeram análises de projetos curriculares de cursos de diversas universidades brasileiras e, em seguida, desenvolvem um debate sobre o papel que a literatura pode desenvolver nos processos de formação humana, especialmente nos cursos de Letras. Alinhado à perspectiva dos demais autores que compõem o dossiê, os autores trazem um lugar de protagonismo para as literaturas hispano-americanas.

Augusto Moretti de Barros, por sua vez, preocupado com o lugar das literaturas de língua espanhola nos livros didáticos, traz, em seu artigo *Enseñanza de español como lengua extranjera: representaciones literarias y culturales hispanoamericanas en libros didácticos*, os resultados de uma pesquisa desenvolvida em dois livros aprovados no Programa Nacional do Livro Didático. O autor propõe uma discussão não apenas sobre o lugar da literatura hispano-americana, mas também de outras representações culturais desse espaço geográfico, entendendo que língua e literatura não são categorias dicotomizáveis. Assim, ao observar que nos livros analisados, há uma busca pela fuga de estereótipos, mas também ainda textos usados como pretextos para o estudo da língua, o artigo acaba por ressaltar a importância da inserção do Espanhol como disciplina escolar no PNLD, uma vez que esse é um espaço político também de reflexão sobre as práticas pedagógicas que se constroem nas salas de aula da educação básica de nosso país.

Um terceiro bloco de trabalhos trata das relações entre tradução e ensino, um campo também emergente no hispanismo brasileiro. Sobre isso, as autoras Andréa Cesco e Juliana Cristina Faggion Bergmann buscam, no artigo *Tradução*

literária como prática pedagógica na aprendizagem de línguas estrangeiras, com base no conceito de “Tradução Pedagógica”, entendendo-a como um instrumento necessário para o aprendizado de uma língua adicional e para a mediação do contato dos aprendizes dessa língua com a literatura que nela se manifesta, apresentam uma pesquisa realizada com estudantes brasileiros de um curso superior de Letras-Espanhol. Tal pesquisa buscou analisar a aplicação de uma atividade de tradução realizada no período em que as universidades realizavam suas aulas de forma remota, devido à pandemia de Covid-19 – um importante marco de transição nas práticas pedagógicas deste século.

Em *Didáctica de la traducción de los fraseoparemiologismos del español en la era pospandemia*, Luis Carlos Ramos Nogueira também discute o ensino de Tradução e, para isso, enfoca o ensino da Fraseoparemiologia do espanhol na formação específica de tradutores. Considerando também a pandemia recentemente vivida e suas consequências nos contextos educacionais, o autor traz uma discussão sobre o uso de recursos tecnológicos em sala de aula e a existência de espaços virtuais para o acontecimento das aulas e apresenta possibilidades práticas para o ensino da Fraseoparemiologia. O artigo é atravessado por exemplos de materiais didáticos elaborados pelo autor, o que evidencia seu desejo de compartilhar com outros colegas sua prática pedagógica e contribuir, assim, para o desenvolvimento de novas abordagens sobre o tema que possam incentivar o desenvolvimento da autonomia dos alunos como protagonistas de seu processo de aprendizagem.

Além desses artigos, compõe ainda o dossiê o texto *Caminhos para uma universidade mais inclusiva a partir da perspectiva do desenho universal para aprendizagem e dos letramentos críticos*, de Astrid Johana Pardo Gonzalez e Maria Roselene Soares Marques. Nele, as autoras trazem uma questão ainda pouco discutida no âmbito do hispanismo e da educação linguística em línguas adicionais no Brasil: a inclusão de pessoas com deficiência. Assim, apresentam um relato de experiência com a escrita de um texto acadêmico em língua espanhola por um estudante do ensino superior. Para isso, trazem um aparato teórico derivado dos estudos sobre educação especial, em uma perspectiva inclusiva, e dos letramentos críticos, alinhados à essa perspectiva. A partir de seu relato, as autoras não só compartilham estratégias para o desenvolvimento de práticas mais inclusivas de trabalho com a escrita na universidade, como estimulam o desenvolvimento de novas práticas nas demais universidades do país.

Por fim, o dossiê se encerra com o artigo *Tramas da Língua Espanhola no Brasil: Entre Rupturas, Continuidades e Desafios na Oficialização do Ensino*, de Jessica Chagas de Almeida. O artigo percorre a história do ensino de espanhol no Brasil e argumenta que há um “vazio normativo” contemporaneamente em relação a essa história, derivado de discursos globalizantes monolíngues – em relação ao

inglês – e de uma certa memória discursiva que atravessa o ensino do espanhol para os brasileiros. Percorrendo documentos oficiais de diferentes naturezas, a autora enfatiza a relação entre o ensino de línguas e a memória social e defende a existência de políticas linguísticas que privilegiem o ensino do espanhol.

Entendendo, com Moreira e Candau (2007), que a sala de aula é o espaço onde o currículo se materializa e que, portanto, é nela que se materializam as disputas entre educadores, educandos e as demais instâncias que buscam controlar as autorias docente e discente (Arroyo, 2011) e que diferentes salas de aula podem salientar diferentes objetivos e afetar como os estudantes pensam sobre si mesmos, suas tarefas e sobre os outros (Ames, 1992), acreditamos que não são poucos os desafios enfrentados pelos professores no ensino de língua espanhola e literaturas hispânicas no século XXI no Brasil. Esse dossiê, portanto, se propõe a ser um espaço de discussão sobre esses desafios e, dessa maneira, “brindar às batalhas” que enfrentamos neste ainda início de século, em constante e cada vez mais rápida transformação.

Boa leitura!

Diego da Silva Vargas (UNIRIO)
Leandra Cristina de Oliveira (UFSC)
Wagner Monteiro (UERJ)
Organizadores

Referências

AMES, C. *Classroom: Goals, Structures and Student Motivation*. Journal of Educational Psychology, v. 84, n.3, 1992, pp.261-271.

ARROYO, M. *Currículos, territórios em disputa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. Baptista *et al.* (2023)

GERHARDT, A. F. L. M. As identidades situadas, os documentos curriculares e os caminhos abertos para o ensino de língua portuguesa no Brasil. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (Org.). *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p.77-113.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. *Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

